

# Emigrantes portugueses e seus descendentes no mercado de trabalho europeu

Célio Oliveira\* – Instituto Nacional de Estatística

Susana Neves\* – Instituto Nacional de Estatística

## 1. Introdução

O fenómeno emigratório que caracterizou Portugal, particularmente em meados do século XX, a par da recente vaga emigratória, acentuada com a crise financeira de 2008, referida como a saída da “geração mais qualificada de sempre”, justifica o aprofundamento do conhecimento sobre os emigrantes. Em concreto, importa caracterizar os emigrantes portugueses, analisar a sua situação no mercado de trabalho nos países de acolhimento e conhecer as razões que motivaram a sua saída do país.

Neste artigo são analisados dados estatísticos agregados, compilados pelo Eurostat para o conjunto dos países da União Europeia (UE) que participaram no módulo *ad hoc* do *Labour Force Survey* (LFS)<sup>1</sup> de 2014<sup>2</sup>, sobre a *Situação dos migrantes e dos seus descendentes diretos no mercado de trabalho*. Pretende-se analisar a situação dos residentes nos países da UE participantes que têm *background* emigratório português, sejam emigrantes de primeira geração ou descendentes de emigrantes (emigrantes de segunda geração), conforme definido adiante. Os resultados do módulo foram complementados com resultados específicos dos LFS de cada país, com variáveis sociodemográficas e de caracterização dos indivíduos face ao mercado de trabalho.

Pese embora a impossibilidade de definir um retrato completo do fenómeno emigratório, pela ausência de informação de importantes destinos europeus da emigração portuguesa, como a Alemanha, bem como de informação do resto do mundo, os resultados daquele módulo *ad hoc* permitiram:

- Caracterizar aos níveis sociodemográfico e da situação no mercado de trabalho, os residentes, nos países participantes, com *background* emigratório português (emigrantes ou descendentes de emigrantes);

\* As opiniões expressas no Tema em análise são da responsabilidade dos autores e não coincidem necessariamente com a posição do INE.

<sup>1</sup> Em Portugal corresponde ao Inquérito ao Emprego.

<sup>2</sup> Participaram no módulo *ad hoc* do LFS os países da UE-28, com exceção da Alemanha, Irlanda, Dinamarca e Países Baixos. Para além de países da UE, participaram também a Noruega e a Suíça.

- Estabelecer comparações daqueles com a população residente em Portugal e com a dos países de acolhimento, sempre que possível e relevante;
- Explorar diferenças de perfil entre as duas categorias de emigrantes referidas.

## 2. Enquadramento do Inquérito à Situação dos migrantes e seus descendentes diretos no mercado de trabalho

O módulo *ad hoc* do LFS relativo à *Situação dos migrantes e seus descendentes diretos no mercado de trabalho* enquadra-se no programa de módulos *ad hoc* estipulado a nível comunitário para o triénio 2013-2015<sup>3</sup>. A realização deste módulo pretendeu suprir a necessidade de dispor de estimativas harmonizadas e comparáveis na UE<sup>4</sup> sobre a caracterização da população imigrante de cada país.

Individualmente, cada país participante recolheu dados que permitiram caracterizar os respetivos imigrantes, incluindo a informação sobre o país de nascimento dos inquiridos. Assim, foi possível solicitar aos países participantes informação sobre os imigrantes portugueses, que correspondem ao objeto de análise deste artigo.

Foram inquiridas as pessoas residentes<sup>5</sup> nos países participantes, com idade dos 15 aos 64 anos, por forma a recolher informação relativa ao *background* migratório dos migrantes e seus descendentes e à sua situação no mercado de trabalho.

<sup>3</sup> Regulamento da Comissão n.º 220/2010, de 16 de março, e Regulamento do Conselho n.º 577/98, de 9 de março, sobre a execução conjunta da recolha de dados sobre a situação dos migrantes e seus descendentes diretos no mercado de trabalho com o IE.

<sup>4</sup> A necessidade deste tipo de dados encontra-se expressa em várias Comunicações da Comissão Europeia, designadamente: “Europa 2020 - Estratégia para um crescimento inteligente, sustentável e inclusivo”, de 3 de março de 2010; “Agenda Europeia para a Integração”, de 20 de julho de 2011; “Abordagem global para a migração e a mobilidade”, de 18 de novembro de 2011, bem como na Declaração de Saragoça, de abril de 2010.

<sup>5</sup> Apenas respondem ao LFS as pessoas consideradas residentes no país de inquirição. Genericamente, considera-se residente um indivíduo que reside ou pretende residir no país por um período mínimo de um ano. Devido à definição de população residente, é possível que alguns emigrantes à data de inquirição não tenham sido considerados residentes e, por isso, não tenham sido considerados elegíveis para responder ao LFS.

Os emigrantes portugueses nesses países foram caracterizados segundo uma tipologia pré-definida<sup>6</sup>. Para a definição da situação de emigrante tomou-se em consideração a variável país de nascimento<sup>7</sup>, no pressuposto de que quem reside num dado país no momento de inquirição, tendo nascido em Portugal, passou necessariamente por um processo de emigração de Portugal para esse país. Adicionalmente, foram também consideradas as variáveis país de nascimento do pai e da mãe. A partir da conjugação destas três variáveis foi definida a tipologia de *background* emigratório, com as categorias que a seguir se apresentam:

**Pessoas com *background* emigratório português:**

peças nascidas em Portugal, mas a residir noutro país europeu, ou pessoas que nasceram noutro país que não Portugal, mas com pai ou mãe ou ambos nascidos em Portugal. Este grupo compreende os:

- a) Emigrantes de primeira geração: pessoas nascidas em Portugal, mas a residir noutro país;
- b) Descendentes de emigrantes ou emigrantes de segunda geração: pessoas que nasceram noutro país que não Portugal, mas com pai ou mãe ou ambos nascidos em Portugal.

**3. Emigração portuguesa na Europa<sup>8</sup>**

**(Quadros 1 a 6 do anexo)**

Em 2014, estima-se que residiam nos países europeus participantes do módulo *ad hoc* cerca de 1,7 milhões de pessoas com *background* emigratório português, das quais 907,1 mil (52,8%) eram emigrantes de primeira geração e 812,2 mil (47,2%) descendentes de emigrantes, o que habitualmente se designa por emigrantes de segunda geração.

<sup>6</sup> Para o efeito, foi solicitada ao Eurostat informação agregada, mas muito detalhada, sobre as variáveis deste módulo e as variáveis do LFS que foi possível cruzar com aquelas, atendendo aos níveis de fiabilidade e à confidencialidade dos resultados.

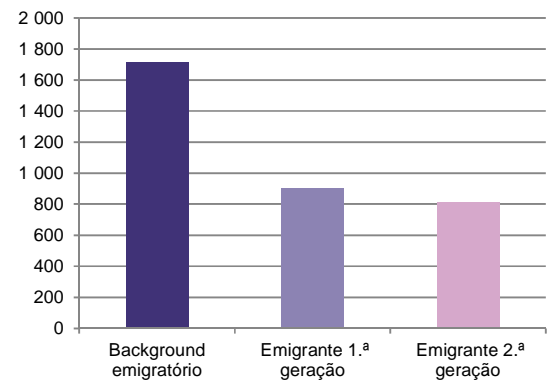
<sup>7</sup> Para uma breve abordagem das dificuldades associadas à definição de migrante, face à complexidade das diferentes situações existentes, ver Instituto Nacional de Estatística (2015).

<sup>8</sup> Por facilidade de escrita, a referência à Europa pretende significar apenas o conjunto de países que participaram no módulo. Ver nota de rodapé 2.

Na análise dos principais resultados, sublinha-se que estes reportam a estimativas obtidas a partir de um inquérito por amostragem e, desta forma, sujeitas a margens de erro.

Por questões de arredondamento, e/ou devido à existência de situações não classificáveis, alguns totais podem não corresponder à soma das parcelas.

**Gráfico 1: População dos 15 aos 64 anos, por tipo de *background* emigratório (em milhares)**



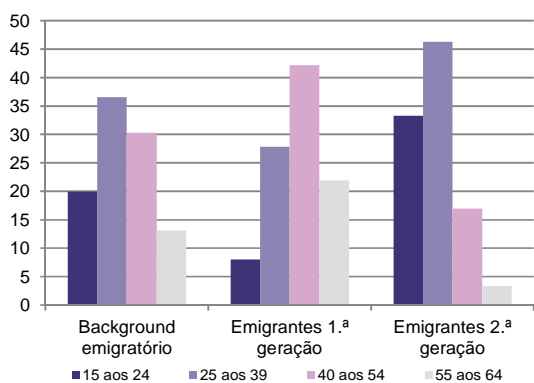
Do total de países analisados, foram observadas pessoas com *background* emigratório português em apenas quinze países. Destes, destacam-se a França (62,6%), a Suíça (14,1%), a Espanha (9,3%), o Reino Unido (7,6%) e o Luxemburgo (3,2%) como os principais países de acolhimento da diáspora portuguesa na Europa, abrangendo no conjunto 96,8% das pessoas com *background* emigratório português entre os países observados.

***População com *background* emigratório mais jovem do que a residente em Portugal e na Europa***

A composição da população com *background* emigratório português com idade dos 15 aos 64 anos evidencia os seguintes aspetos:

- Não se observam diferenças por sexo, qualquer que seja o tipo de *background* emigratório analisado.
- Mais de um terço (36,6%) tinha idade dos 25 aos 39 anos, seguindo-se o grupo etário dos 40 aos 54 anos (30,3%). Em Portugal, aquelas proporções eram de 30,2% e 34,0%, respetivamente (e na Europa eram de 30,8% e 32,9%).
- Uma análise mais detalhada permite observar que os emigrantes de primeira geração apresentavam uma estrutura etária mais envelhecida, por comparação com a população do mesmo grupo etário residente em Portugal e na Europa: 64,1% dos emigrantes de primeira geração tinham entre 40 e 64 anos, proporção que era de 53,6% em Portugal e de 52,3% na Europa.
- A estrutura etária dos emigrantes de segunda geração era mais jovem por comparação com os residentes do mesmo âmbito etário, quer em Portugal, quer no conjunto dos países europeus em análise: 79,6% dos emigrantes de segunda geração tinham entre 15 e 39 anos, o que compara com 46,4% e com 47,7% em Portugal e na Europa, respetivamente.

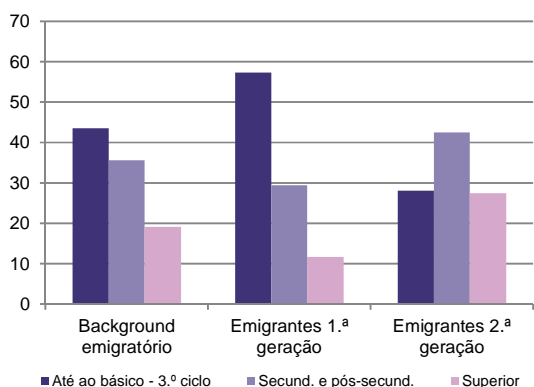
**Gráfico 2: População emigrante dos 15 aos 64 anos, por grupo etário (em %)**



### Segunda geração de emigrantes mais escolarizada

Em 2014, o perfil escolar da segunda geração de emigrantes era similar ao da média da população europeia analisada. À data, 27,4% dos emigrantes de segunda geração possuíam ensino superior, proporção mais elevada do que a registada na Europa (26,2%), no total nacional (19,3%) e no conjunto dos emigrantes de primeira geração (11,7%). Adicionalmente, aquele grupo apresentava também uma proporção elevada ao nível do ensino secundário (42,5%), próxima da que se verificava no conjunto de países europeus analisado (44,3%), mas bastante acima da observada em Portugal (23,6%).

**Gráfico 3: População emigrante dos 15 aos 64 anos, por nível de escolaridade completa (em %)**



### Um quarto dos emigrantes de primeira geração mais jovens tinha ensino superior

Por outro lado, o perfil de escolaridade dos emigrantes de primeira geração era tendencialmente baixo, muito semelhante ao observado em Portugal, pesem embora as diferenças ao nível do ensino superior: 19,3% da população residente em Portugal tinha esse nível de ensino, face a 11,7% entre os emigrantes de primeira geração. Em 2014, mais de metade dos emigrantes de primeira geração (57,3%) e da população residente em Portugal (57,1%) possuía, no máximo, o 3.º ciclo do ensino básico, o que compara com 28,6% registado para o conjunto dos países europeus analisados.

Os resultados evidenciam, porém, uma notória clivagem etária em termos de escolaridade. Analisando isoladamente os emigrantes de primeira geração, e confrontando dois grupos etários que correspondem a duas gerações diferentes, dos 25 aos 39 anos e dos 55 aos 64 anos, observa-se que a proporção de emigrantes mais jovens com ensino superior é cerca de 10 vezes a dos emigrantes mais velhos, 26,3% e 2,7%, respetivamente. Contrariamente, 76,7% dos emigrantes mais velhos têm, no máximo, o 3.º ciclo do ensino básico, o que compara com 41,9% dos emigrantes mais jovens.

Os resultados apontam no sentido de uma mobilidade escolar ascendente da segunda geração de emigrantes face aos seus pais<sup>9</sup>. Independentemente do nível de escolaridade dos pais, os filhos têm maioritariamente um nível de escolaridade secundário/pós-secundário ou superior. A título de exemplo, 41,1% dos indivíduos cuja escolaridade dos pais é, no máximo, o 3.º ciclo do ensino básico têm ensino secundário/pós-secundário e 27,2% têm ensino superior.

### Família e trabalho foram as principais motivações para emigrar

Para a análise do que motivou a decisão de sair do país foram considerados somente os emigrantes de primeira geração, excluindo da análise os emigrantes de segunda geração aos quais esta questão não se aplicou<sup>10</sup>.

Do total dos 907,1 mil emigrantes de primeira geração, mais de metade (53,6%) emigrou por motivos familiares. O emprego foi o segundo motivo mais referido (39,2%). Entre os que emigraram por motivos profissionais, foram mais os que o fizeram sem ter ainda encontrado um emprego no país de acolhimento do que aqueles que emigraram tendo já encontrado emprego, 22,6% contra 16,5%, respetivamente.

<sup>9</sup> De acordo com o Eurostat (2013), a variável escolaridade dos pais é operacionalizada como o nível de escolaridade mais elevado completo do pai ou da mãe. A sua observação teve por objetivo constituir um indicador que permitisse uma aproximação ao contexto socioeconómico dos indivíduos.

<sup>10</sup> Os emigrantes de segunda geração teriam nascido no país onde responderam ao inquérito, pelo que esta questão, dirigida somente aos que não nasceram no país de inquirição, não se lhes aplica.

**Gráfico 4: População emigrante de 1.ª geração dos 15 aos 64 anos por principal razão para emigrar, por sexo (em %)**



Os resultados sugerem diferenças entre homens e mulheres quanto à principal motivação para emigrar, que vão ao encontro da visão clássica dos movimentos migratórios, em que os homens são os primeiros a emigrar seguindo-se, posteriormente, a restante família:

- Quase metade dos homens (47,8%) emigrou por motivos relacionados com o trabalho, um valor marginalmente superior aos que o fizeram por motivos familiares (44,7%).
- Quase dois terços das mulheres (62,6%) emigraram por motivos familiares e quase um terço (30,5%) emigrou por motivos relacionados com trabalho.

Na análise por grupo etário é notório o maior peso dos motivos familiares em todos os escalões etários. Porém:

- Surge mais evidenciado no grupo dos 15 aos 24 anos (80,7%), o que estará relacionado com as questões de reunificação familiar acima referidas, e no dos 40 aos 54 anos (54,5%).
- É no grupo dos 25 aos 39 anos que parece haver maior equilíbrio entre as razões relacionadas com emprego (44,2%) e familiares (45,7%).
- Este grupo, a par dos que têm entre 55 e 64 anos (42,9%), foi o que mais apontou o emprego como o principal motivo para emigrar.

Considerando o principal motivo de saída do país por nível de escolaridade dos emigrantes à data da entrevista, as maiores diferenças observam-se entre os que tinham ensino secundário/pós-secundário, dos quais cerca de dois terços (65,7%) emigraram por motivos familiares e 27,3% por motivos de emprego.

Em termos de condição perante o trabalho, é de salientar que:

- Entre os não empregados (desempregados e inativos), mais de dois terços emigraram por motivos familiares (67,9%).
- Entre os empregados, são quase tantos os que disseram ter emigrado por motivos familiares

(47,7%) como os que o fizeram por motivos relacionados com trabalho (44,1%).

#### 4. Situação dos emigrantes no mercado de trabalho europeu<sup>11</sup>

A decisão de emigrar é geralmente motivada pela busca de melhores condições de vida, associada a melhores condições de emprego. Neste ponto, avalia-se a condição perante o mercado de trabalho da população emigrante, procurando perceber-se se a premissa de partida em busca de melhores condições de vida/emprego se verificou.

Considerando a população total com *background* emigratório (1 719,3 mil pessoas), verifica-se que:

- A maioria se encontrava empregada, sendo a taxa de emprego de 68,5%;
- A taxa de inatividade era de 23,8%;
- A taxa de desemprego (proporção da população ativa que estava desempregada) se situava nos 10,1%.

Decompondo por grupos etários, observa-se alguma heterogeneidade quanto à condição perante o trabalho:

- O grupo etário dos 15 aos 24 anos<sup>12</sup> tinha a menor taxa de emprego (29,0%), grupo no qual a larga maioria emigrou por motivos familiares (80,7%).
- Os adultos dos 55 aos 64 anos tinham a segunda taxa de emprego mais baixa (46,8%).
- Os grupos etários extremos, dos 15 aos 24 anos e dos 55 aos 64 anos, apresentavam, por outro lado, as taxas de inatividade mais elevadas: 59,2% e 47,1%, respetivamente.
- Os grupos dos 25 aos 39 e dos 40 aos 54 anos revelam-se próximos, apresentando as taxas de emprego mais elevadas, de 85,0% e de 84,0%, respetivamente.

Se entre os mais novos a frequência da escola poderá explicar a mais baixa participação no mercado de trabalho, entre os mais velhos poderão ser as situações relacionadas com a reforma ou pré-reforma. De modo a eliminar estes dois efeitos, será apenas considerado, para a análise deste ponto, o grupo etário dos 25 aos 54 anos. A exclusão destes dois grupos justifica-se para simplificar e tornar mais consistente a análise comparativa entre emigrantes e residentes nacionais e europeus.

<sup>11</sup> Por facilidade de escrita, a referência à Europa pretende significar apenas o conjunto de países que participaram no módulo. Ver nota de rodapé 2.

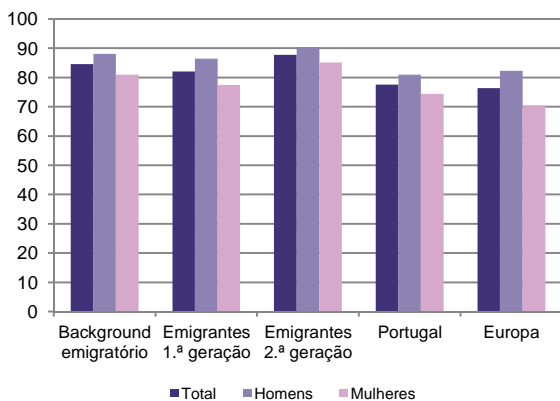
<sup>12</sup> Para os emigrantes dos 25 aos 64 anos, os motivos familiares representam 51,2% do total.

No grupo dos 25 aos 54 anos, o número de pessoas com *background* emigratório correspondia a 1 149,8 mil, das quais 635,5 mil eram emigrantes de primeira geração e 514,3 mil eram emigrantes de segunda geração.

No total de população com *background* emigratório com idade dos 25 aos 54 anos, a taxa de emprego era de 84,6%, mais baixa para os emigrantes de primeira geração (82,0%) do que para os emigrantes de segunda geração (87,7%).

A taxa de emprego para a população do mesmo grupo etário em Portugal era de 77,6% e para a média do conjunto dos países europeus analisados era de 76,4%. Verifica-se, assim, que aqueles que emigraram estavam em melhores condições, em termos de participação no mercado de trabalho, comparativamente à situação observada no país de origem, Portugal, e nos países de acolhimento.

**Gráfico 5: Taxa de emprego dos 25 aos 54 anos, por sexo (em %)**



#### **Taxa de emprego: menores diferenças entre homens e mulheres na segunda geração de emigrantes**

A taxa de emprego dos homens emigrantes de primeira geração foi de 86,4%, excedendo a das mulheres (77,5%) em 8,9 p.p.. Entre os emigrantes de segunda geração, a diferença foi inferior, de 5,3 p.p., sendo de 90,4% para os homens e de 85,1% para as mulheres.

Também em Portugal e na Europa os homens tinham taxas de emprego mais elevadas do que as mulheres: com uma diferença de 6,6 p.p. em Portugal (81,0% para homens e 74,4% para mulheres) e de 11,8 p.p. na Europa (82,3% para homens e 70,5% para mulheres).

#### **Taxa de emprego mais elevada para os emigrantes de segunda geração com ensino superior**

A taxa de emprego das pessoas com *background* emigratório aumenta com o nível de escolaridade: era de 80,0% para os que tinham, no máximo, até ao 3.º ciclo do ensino básico; de 86,4% para os que tinham o ensino secundário ou pós-secundário; e de 90,1% para os que tinham ensino superior.

O aumento da taxa de emprego com o nível de escolaridade é particularmente evidente para os emigrantes de segunda geração: a taxa de emprego era de 79,8% para aqueles que tinham, no máximo, o 3.º ciclo do ensino básico; de 83,0% para os que tinham ensino secundário ou pós-secundário; e de 96,6% para os que tinham ensino superior. Ainda ao nível da taxa de emprego, os emigrantes de segunda geração com ensino superior revelam um melhor desempenho do que os residentes em Portugal (86,2%) e na Europa (86,0%), superior em mais de 10 p.p., em ambos os casos.

#### **Quase metade dos emigrantes de segunda geração em grupos profissionais mais qualificados**

A análise por profissões da CPP-10<sup>13</sup> foi conduzida agrupando-as em 4 grupos: níveis 1 a 3 (Dirigentes, quadros superiores, especialistas e técnicos); níveis 4 e 5 (Pessoal administrativo e trabalhadores dos serviços); níveis 6 e 7 (Trabalhadores qualificados da agricultura, pesca, floresta, indústria e construção) e níveis 8 e 9 (Operadores de instalações e máquinas e Trabalhadores não qualificados). As forças armadas foram excluídas da análise pela sua expressão residual.

Por grupos profissionais, verifica-se que os emigrantes de primeira geração distinguem-se dos restantes grupos de análise (emigrantes de segunda geração, residentes em Portugal e na Europa) por terem uma maior proporção de empregados no grupo profissional menos qualificado (8 e 9), com 31,9%. Este valor é mais elevado do que o observado para Portugal (19,7%), quase o dobro do observado para a Europa (16,8%), e quase três vezes o valor observado para os emigrantes de segunda geração (11,8%). Por outro lado, os emigrantes de primeira geração estão sub-representados no grupo profissional mais qualificado (1 a 3), com apenas 23,4%, inferior aos 37,9% observados em Portugal e aos 41,4% na Europa.

Contrariamente aos emigrantes de primeira geração, os de segunda geração apresentam uma distribuição mais próxima da observada em Portugal e na Europa, com uma maior prevalência de emprego nos grupos profissionais mais qualificados e menor entre as menos qualificadas. Mais de dois quintos (44,0%) dos emigrantes empregados de segunda geração enquadravam-se no grupo profissional mais qualificado (1 a 3), valor superior aos 37,9% de Portugal e aos 41,4% a nível europeu, sendo quase o dobro do observado para emigrantes de primeira geração (23,4%).

Os 24,3% de emigrantes de primeira geração no grupo 4 e 5 estavam em linha com a proporção observada em Portugal e na Europa (25,6% para ambos); 30,4% dos emigrantes de segunda geração pertencem àquele grupo profissional. Por outro lado, 20,4% dos emigrantes

<sup>13</sup> CPP-10: Classificação Portuguesa das Profissões de 2010.

de primeira geração empregados pertenciam ao grupo 6 e 7, representando um valor superior ao observado em Portugal (16,4%), na Europa (15,5%) e nos emigrantes de segunda geração (13,4%).

As diferenças registadas na distribuição dos empregados pelos diferentes grupos profissionais podem ser explicadas à luz das diferenças em termos de escolaridade dos empregados. Como sublinhado no ponto 3, entre os emigrantes de primeira geração há uma maior proporção de pessoas com baixa escolaridade, comparativamente ao observado entre emigrantes de segunda geração, em Portugal e na Europa.

Considerando apenas a população empregada com idade dos 25 aos 54 anos, observa-se que mais de metade dos emigrantes de primeira geração tinha no máximo o 3.º ciclo do ensino básico e que 41,2% dos emigrantes de segunda geração tinham ensino superior.

Assim, a distribuição dos níveis de escolaridade explica, pelo menos parcialmente, a maior proporção de emigrantes de primeira geração em profissões de menor qualificação, tendencialmente menos exigentes em termos de escolaridade, face aos restantes grupos com níveis de escolaridade mais elevados.

#### ***Emigrantes com situação genericamente favorável no mercado de trabalho***

Considerando o motivo para emigrar, 40,7% do total de emigrantes dos 25 aos 54 anos fê-lo por motivos de trabalho, e para estes a taxa de emprego era de 86,1%, cumprindo assim, para a grande maioria, o objetivo que esteve na base da saída de Portugal. Entre aqueles que emigraram por razões familiares (51,0% do total de emigrantes) a taxa de emprego era de 78,3%, próxima da observada em Portugal (77,6%).

Pela análise das taxas de emprego, pode concluir-se que os emigrantes de primeira geração estavam, genericamente, numa situação favorável no mercado de trabalho nos países de acolhimento, por comparação com os residentes em Portugal e na Europa. Porém, são os seus descendentes, os emigrantes de segunda geração, quem mais se evidencia nesta matéria. Não só apresentam taxas de emprego superiores às observadas em Portugal e aos países de acolhimento, como, em termos profissionais (grupos de profissões), exerciam profissões que requerem maiores qualificações (e geralmente mais bem remuneradas) do que na Europa.

## **5. Obstáculos à participação dos emigrantes no mercado de trabalho**

### ***Um quarto dos emigrantes considerava-se sobre qualificado***

O módulo aborda também a avaliação dos indivíduos no que respeita à subutilização das suas competências na execução das funções que desempenham no seu trabalho, o que habitualmente se designa por sobre qualificação. As questões da sobre qualificação dos indivíduos face às exigências dos postos de trabalho que ocupam medem mais do que o nível de escolaridade, contemplam também a experiência e outras competências (o que os indivíduos sabem fazer). Aos respondentes foi questionado se se consideravam sobre qualificados, ou seja, se julgavam que podiam desempenhar tarefas mais exigentes/complexas do que as desempenhadas, à data, no trabalho.

Para efeitos de análise neste ponto, e pelas mesmas razões já apontadas no ponto anterior, considerou-se apenas o grupo dos empregados dos 25 aos 54 anos.

Considerando a população com *background* emigratório, salientam-se os seguintes aspetos:

- Cerca de um quarto (24,6%) considerava-se sobre qualificado, proporção mais elevada entre os emigrantes de primeira geração (27,1%) do que entre os de segunda geração (21,7%).
- A proporção observada para os emigrantes de primeira geração era próxima da observada em Portugal (26,1%). A dos emigrantes de segunda geração era próxima da observada nos países europeus (20,9%). Eram mais as mulheres que se classificavam sobre qualificadas: 27,0%, contra 22,5% dos homens.
- A sobre qualificação era mais comum no grupo etário dos 25 aos 39 anos (28,6%).

### ***Metade dos emigrantes não identifica obstáculos à obtenção de emprego***

Para se perceber quais os motivos que podem explicar a inexistência de um emprego adequado, foi avaliado, entre aqueles com *background* emigratório e que, cumulativamente, não estavam empregados (eram desempregados ou inativos) ou estando empregados consideravam-se sobre qualificados, quais os motivos pelos quais não conseguiam encontrar um emprego ou não tinham um emprego adequado, respetivamente.

Entre estas pessoas, quase metade (47,9%) não identificou qualquer obstáculo à obtenção de um emprego adequado e 38,3% referiram outros motivos que não os listados<sup>14</sup>. O principal motivo apontado por

---

<sup>14</sup> Os motivos listados incluem: falta de conhecimentos da língua do país de acolhimento; não reconhecimento das qualificações

21,8% dos emigrantes de primeira geração estava relacionado com a falta de conhecimentos da língua no país de acolhimento, situação não existente entre os emigrantes de segunda geração.

Considerando o nível de escolaridade, cerca de metade dos que tinham ensino não superior (escolaridade até ao ensino pós-secundário) não identificou obstáculos à obtenção de um emprego adequado.

### ***A maioria dos emigrantes de primeira geração tem competências linguísticas elevadas, no país de acolhimento***

O conhecimento da língua materna do país de acolhimento constitui um importante recurso para a integração social e no mercado de trabalho nos países para onde se emigra. No que diz respeito aos conhecimentos da língua do país de acolhimento, e considerando apenas para esta análise os emigrantes de primeira geração<sup>15</sup>, observa-se que menos de metade destes tinham conhecimentos avançados (43,2%) e 14,0% tinham a língua do país de acolhimento como a língua materna. Quase um terço (29,7%) afirmou ter competências intermédias e 11% conhecimentos elementares (ou não falavam a língua, de todo).

Apenas 18,1% dos emigrantes de primeira geração frequentaram um curso de línguas (após a chegada ao país de acolhimento). Entre os motivos para a não frequência de um curso, a maioria disse não considerar necessário (53,6%) e 27,9% indicaram outros motivos.

## **6. Conclusão**

A compilação destes dados à escala europeia permitiu ter acesso a uma informação que de outro modo seria impossível obter, como, por exemplo, a condição perante o trabalho e profissão da população emigrante portuguesa.

Este exercício encerra uma dupla vantagem. Desde logo, a realização deste módulo, à escala europeia, em conjunto com o LFS de 2014, permitiu analisar, de forma comparada, os tópicos do módulo (possibilitando a caracterização dos migrantes em cada país, segundo a origem, as motivações para a migração, os obstáculos no mercado de trabalho, etc.) em conjunto com resultados específicos dos LFS, com variáveis sociodemográficas e de caracterização face ao mercado de trabalho (condição perante o trabalho; taxa de emprego; profissão; etc.).

---

obtidas noutro país; restrições legais para trabalhar devido à nacionalidade; autorização de residência ou visto; discriminação social.

<sup>15</sup> Excluiu-se da análise os emigrantes de segunda geração, dado que a quase totalidade tem como língua materna a língua do país de acolhimento.

Em segundo lugar, o aproveitamento dos resultados deste módulo nos países participantes permitiu caracterizar os emigrantes portugueses nesses países segundo uma tipologia pré-definida. Não obstante as limitações decorrentes da informação analisada não permitir traçar um retrato completo do fenómeno emigratório, foi possível fazer uma aproximação à caracterização sociodemográfica e ao nível da situação no mercado de trabalho dos portugueses com *background* emigratório (emigrantes ou descendentes de emigrantes), bem como estabelecer comparações com a população residente em Portugal e nos países de acolhimento que participaram no módulo *ad hoc* de 2014 do LFS.

Em traços gerais, os resultados evidenciam que a segunda geração de emigrantes é mais qualificada do que a primeira, encontrando-se mais próxima do perfil escolar médio europeu do que do português. Já a primeira geração de emigrantes tem um nível de escolaridade tendencialmente baixo e mais próximo da média de Portugal. Porém, de entre os emigrantes de primeira geração, os mais jovens destes são mais escolarizados.

Para os emigrantes de primeira geração as principais motivações para emigrar foram a família, motivo mais referido pelas mulheres, e o emprego, particularmente notório entre os mais velhos, com idade dos 55 aos 64 anos.

A população com *background* emigratório português apresentava taxas de emprego mais elevadas do que as observadas em Portugal e no conjunto dos países europeus analisado, o que era particularmente notório para os emigrantes de segunda geração.

Ao nível dos grupos profissionais onde desenvolvem o seu trabalho, os emigrantes de primeira geração tinham, genericamente, empregos com menor nível de especialização, por comparação com o observado no conjunto dos países de acolhimento, situação que poderá ser parcialmente explicada pelos níveis de escolaridade mais baixos. Os emigrantes de segunda geração, com nível de escolaridade médio mais elevado, enquadravam-se em grupos profissionais mais qualificados, desempenhando funções com maior nível de especialização.

O facto de a maioria não identificar qualquer obstáculo à obtenção de emprego nos países de acolhimento, o nível genericamente satisfatório de competências linguísticas no que se refere à língua do país de acolhimento, a par da situação favorável ocupada no mercado de trabalho, sugere uma boa integração quer dos emigrantes, quer dos descendentes de emigrantes portugueses nos países europeus para onde partiram na busca de melhores condições de vida.

### **Nota técnica sobre os dados analisados neste Tema em Análise**

Conforme referido no texto, os dados analisados no presente artigo têm por base a informação obtida junto da população residente nos diferentes países europeus que participaram no módulo *ad hoc* do Inquérito ao Emprego, realizado em 2014, relativo à *Situação dos migrantes e seus descendentes diretos no mercado de trabalho*.

O carácter excecional destes dados – sobre a população imigrante em cada um dos países referidos – permitiu a compilação de informação proveniente de todos eles acerca dos imigrantes lá residentes nascidos em Portugal ou com ascendência portuguesa. Só assim foi possível caracterizar o contingente de emigrantes portugueses e seus descendentes nesses países em termos sociodemográficos e de inserção no mercado de trabalho, usando informação que de outro modo não seria possível obter.

Com este exercício não se pretendeu contabilizar o número exato de emigrantes portugueses, desde logo devido às óbvias limitações decorrentes da abrangência dos dados: apenas respeitam à população com idade dos 15 aos 64 anos de alguns países europeus, não abrangendo, por exemplo, um importante destino da emigração portuguesa que é a Alemanha, nem os restantes países do mundo.

A natureza dos dados utilizados no artigo difere, assim, da natureza das Estimativas de fluxos internacionais de emigração e imigração harmonizados ao abrigo do Regulamento Comunitário n.º 862/2007, que o INE publica anualmente, recorrendo a informação produzida no âmbito do Sistema Estatístico Nacional – Inquérito aos Movimentos Migratórios de Saída (IMMS) e Inquérito ao Emprego –, bem como a informação administrativa produzida por entidades externas, Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) e Direção Geral dos Assuntos Consulares e das Comunidades Portuguesas (DGACCP).

Por essa razão, e pelas diferenças metodológicas e conceituais de cada uma das fontes, os dados do módulo *ad hoc* sobre a *Situação dos migrantes e seus descendentes diretos no mercado de trabalho* e as Estimativas de fluxos internacionais de emigração não são, naturalmente, comparáveis.

### **7. Bibliografia**

Comissão Europeia (2010a). Regulamento da Comissão n.º 220/2010, de 16 de março, e Regulamento do Conselho n.º 577/98, de 9 de março sobre a execução conjunta da recolha de dados sobre a situação dos migrantes e seus descendentes diretos no mercado de trabalho com o IE.

Comissão Europeia (2010b). Europa 2020. Uma estratégia para um crescimento inteligente, sustentável e inclusivo, Bruxelas: Comissão Europeia.

Comissão Europeia (2010c). Declaração de Saragoça, Bruxelas: Comissão Europeia.

Comissão Europeia (2011a). Agenda Europeia para a integração, Bruxelas: Comissão Europeia.

Comissão Europeia (2011b). Abordagem global para a migração e a mobilidade, Bruxelas: Comissão Europeia.

Comissão Europeia (2012). Repensar a educação. Investir nas competências para melhores resultados socioeconómicos, Estrasburgo: Comissão Europeia.

Eurostat (2013). *LFS ad hoc module 2014 on labour market situation of migrants and their immediate descendants*. Annex to the model questionnaire, Luxemburg, Eurostat.

Eurostat (2016). *Migrant population characteristics*. News release 213/2016, Luxemburg, Eurostat.

Instituto Nacional de Estatística (2015). Situação dos migrantes e seus descendentes diretos no mercado de trabalho. Módulo *ad hoc* do Inquérito ao Emprego 2º trimestre de 2014. Destaque, Lisboa, INE.

Magalhães, Graça (2009). Situação dos migrantes e seus descendentes diretos no mercado de trabalho – Módulo *ad hoc* do Inquérito ao Emprego de 2008. Tema em análise, Estatísticas do Emprego – 4.º trimestre de 2009, Lisboa, INE.



## 8. Anexo

**Quadro 1: População dos 15 aos 64 anos, por tipo de *background* emigratório**  
2.º trimestre de 2014

	População emigrante	
	Milhares	%
<b>Total com <i>background</i> emigratório</b>	<b>1 719,3</b>	<b>100,0</b>
Emigrantes 1.ª geração	907,1	52,8
Emigrantes 2.ª geração	812,2	47,2

**Fonte:** Eurostat, Módulo *ad hoc* do *Labour Force Survey* 2014 "Situação dos migrantes e seus descendentes diretos no mercado de trabalho".

**Nota:**

Os dados referentes à Europa respeitam aos países participantes no módulo *ad hoc* do *Labour Force Survey*: todos os países da UE-28, com exceção da Alemanha, Irlanda, Dinamarca e Países Baixos. Para além de países da UE, participaram também a Noruega e a Suíça.

**Quadro 2: População de 15 a 64 anos com *background* emigratório, por país de acolhimento**  
2.º trimestre de 2014

	População com <i>background</i> emigratório	
	Milhares	%
<b>Total</b>	<b>1 719,3</b>	<b>100,0</b>
França	1 076,5	62,6
Suíça	241,7	14,1
Espanha	159,4	9,3
Reino Unido	131,3	7,6
Luxemburgo	54,7	3,2
Outros	55,7	3,2

**Fonte:** Eurostat, Módulo *ad hoc* do *Labour Force Survey* 2014 "Situação dos migrantes e seus descendentes diretos no mercado de trabalho".

**Nota:**

Os dados referentes à Europa respeitam aos países participantes no módulo *ad hoc* do *Labour Force Survey*: todos os países da UE-28, com exceção da Alemanha, Irlanda, Dinamarca e Países Baixos. Para além de países da UE, participaram também a Noruega e a Suíça.

**Quadro 3: População dos 15 aos 64 anos, por sexo, grupo etário e nível de escolaridade completo  
2.º trimestre de 2014**

	Background emigratório	Emigrantes 1. <sup>a</sup> geração	Emigrantes 2. <sup>a</sup> geração	Portugal	Europa
	%				
<b>Total (em milhares)</b>	<b>1 719,3</b>	<b>907,1</b>	<b>812,2</b>	<b>6 803,5</b>	<b>266 734,0</b>
<b>Sexo</b>					
Homens	50,0	50,2	49,7	48,4	49,8
Mulheres	50,0	49,8	50,3	51,6	50,2
<b>Grupo etário</b>					
Dos 15 aos 24 anos	20,0	§ 8,0	33,3	16,2	16,9
Dos 25 aos 39 anos	36,6	27,9	46,3	30,2	30,8
Dos 40 aos 54 anos	30,3	42,2	17,0	34,0	32,9
Dos 55 aos 64 anos	13,2	21,9	ξ	19,7	19,3
<b>Nível de escolaridade (a)</b>					
Até ao básico - 3.º ciclo	43,5	57,3	28,1	57,1	28,6
Secundário e pós-secundário	35,6	29,4	42,5	23,6	44,3
Superior	19,1	11,7	27,4	19,3	26,2

**Fonte:** Eurostat, Módulo *ad hoc* do *Labour Force Survey* 2014 "Situação dos migrantes e seus descendentes diretos no mercado de trabalho".

**Notas:**

(a) A soma dos níveis de escolaridade não é 100% devido à existência de não respostas.

Os dados referentes à Europa respeitam aos países participantes no módulo *ad hoc* do *Labour Force Survey*: todos os países da UE-28, com exceção da Alemanha, Irlanda, Dinamarca e Países Baixos. Para além de países da UE, participaram também a Noruega e a Suíça.

§ Valor com erro de amostragem associado elevado, pelo que a sua interpretação deve ser feita com cuidado.

ξ Valor não fiável, pelo que não pode ser divulgado.

**Quadro 4: População emigrante de 1.ª geração dos 15 aos 64 anos, segundo a principal razão para emigrar, por sexo, grupo etário, nível de escolaridade completo e condição perante o trabalho  
2.º trimestre de 2014**

	Principal razão para emigrar		
	Total (a)	Emprego	Família
	Milhares	%	
<b>Total</b>	<b>907,1</b>	<b>39,2</b>	<b>53,6</b>
<b>Sexo</b>			
Homens	455,8	47,8	44,7
Mulheres	451,4	30,5	62,6
<b>Grupo etário</b>			
Dos 15 aos 24 anos	§ 72,8	ξ	§ 80,7
Dos 25 aos 39 anos	252,8	44,2	45,7
Dos 40 aos 54 anos	382,7	38,5	54,5
Dos 55 aos 64 anos	198,9	§ 42,9	51,8
<b>Nível de escolaridade completo (b)</b>			
Até ao básico - 3.º ciclo	520,2	46,0	48,7
Secundário e pós-secundário	267,0	§ 27,3	65,7
Superior	106,0	ξ	ξ
<b>Condição perante o trabalho</b>			
Empregado	642,3	44,1	47,7
Não empregados	264,8	§ 27,2	67,9

**Fonte:** Eurostat, Módulo *ad hoc* do *Labour Force Survey* 2014 "Situação dos migrantes e seus descendentes diretos no mercado de trabalho".

**Notas:**

(a) Inclui outras razões para além do emprego e família.

(b) A soma dos níveis de escolaridade não é 100% devido à existência de não respostas.

Os dados referentes à Europa respeitam aos países participantes no módulo *ad hoc* do *Labour Force Survey*: todos os países da UE-28, com exceção da Alemanha, Irlanda, Dinamarca e Países Baixos. Para além de países da UE, participaram também a Noruega e a Suíça.

§ Valor com erro de amostragem associado elevado, pelo que a sua interpretação deve ser feita com cuidado.

ξ Valor não fiável, pelo que não pode ser divulgado.

**Quadro 5: Taxa de emprego dos 25 aos 54 anos, por sexo e nível de escolaridade completo  
2.º trimestre de 2014**

	Background emigratório	Emigrantes de 1.ª geração	Emigrantes de 2.ª geração	Portugal	Europa
	%				
<b>Total</b>	<b>84,6</b>	<b>82,0</b>	<b>87,7</b>	<b>77,6</b>	<b>76,4</b>
<b>Sexo</b>					
Homens	88,1	86,4	90,4	81,0	82,3
Mulheres	81,0	77,5	85,1	74,4	70,5
<b>Nível de escolaridade completo</b>					
Até ao básico - 3.º ciclo	80,0	80,1	§ 79,8	71,9	59,8
Secundário e pós-secundário	86,4	89,7	83,0	80,9	77,9
Superior	90,1	§ 77,1	96,6	86,2	86,0

**Fonte:** Eurostat, Módulo *ad hoc* do *Labour Force Survey* 2014 "Situação dos migrantes e seus descendentes diretos no mercado de trabalho".

**Notas:**

Os dados referentes à Europa respeitam aos países participantes no módulo *ad hoc* do *Labour Force Survey*: todos os países da UE-28, com exceção da Alemanha, Irlanda, Dinamarca e Países Baixos. Para além de países da UE, participaram também a Noruega e a Suíça.

§ Valor com erro de amostragem associado elevado, pelo que a sua interpretação deve ser feita com cuidado.

**Quadro 6: População empregada dos 25 aos 54 anos, por sexo, grupo etário, nível de escolaridade completo e profissão  
2.º trimestre de 2014**

	Background emigratório	Emigrantes de 1.ª geração	Emigrantes de 2.ª geração	Portugal	Europa
	%				
<b>Total (em milhares)</b>	<b>972,2</b>	<b>521,3</b>	<b>450,9</b>	<b>3 385,3</b>	<b>129 621,7</b>
<b>Sexo</b>					
Homens	52,3	54,0	50,4	50,4	53,7
Mulheres	47,7	46,0	49,6	49,6	46,3
<b>Grupo etário</b>					
Dos 25 aos 39 anos	55,0	39,1	73,4	47,6	47,5
Dos 40 aos 54 anos	45,0	60,9	26,6	52,4	52,5
<b>Nível de escolaridade completo (a)</b>					
Até ao básico - 3.º ciclo	36,8	51,0	§ 20,4	46,9	17,8
Secundário e pós-secundário	35,2	34,1	36,3	26,3	45,4
Superior	26,7	§ 14,1	41,2	26,9	36,2
<b>Grupo profissional (b)</b>					
CPP 1 a 3	32,9	23,4	44,0	37,9	41,4
CPP 4 e 5	27,1	24,3	30,4	25,6	25,6
CPP 6 e 7	17,2	20,4	§ 13,4	16,4	15,5
CPP 8 e 9	22,6	31,9	§ 11,8	19,7	16,8

**Fonte:** Eurostat, Módulo *ad hoc* do *Labour Force Survey* 2014 "Situação dos migrantes e seus descendentes diretos no mercado de trabalho".

**Notas:**

(a) A soma dos níveis de escolaridade não é 100% devido à existência de não respostas.

(b) A constituição dos grupos profissionais não incluem as Forças Armadas.

Os dados referentes à Europa respeitam aos países participantes no módulo *ad hoc* do *Labour Force Survey*: todos os países da UE-28, com exceção da Alemanha, Irlanda, Dinamarca e Países Baixos. Para além de países da UE, participaram também a Noruega e a Suíça.

§ Valor com erro de amostragem associado elevado, pelo que a sua interpretação deve ser feita com cuidado.

**Quadro 7: População empregada dos 25 aos 54 que se considera sobre qualificada, por sexo, grupo etário, nível de escolaridade completo e profissão  
2.º trimestre de 2014**

	Background emigratório	Emigrantes de 1.ª geração	Emigrantes de 2.ª geração	Portugal	Europa
	%				
<b>Total (em milhares)</b>	<b>972,3</b>	<b>521,1</b>	<b>450,9</b>	<b>3 385,3</b>	<b>129 912,8</b>
<b>Total (em %)</b>	<b>24,6</b>	<b>27,1</b>	<b>§ 21,7</b>	<b>26,1</b>	<b>20,9</b>
<b>Sexo</b>					
Homens	22,5	§ 23,5	ξ	25,3	19,5
Mulheres	27,0	§ 31,4	ξ	27,0	22,5
<b>Grupo etário</b>					
Dos 25 aos 39 anos	28,6	§ 33,4	25,7	29,5	23,3
Dos 40 aos 54 anos	§ 19,7	§ 23,1	ξ	23,0	18,7
<b>Nível de escolaridade completo (a)</b>					
Até Pós-secundário	22,5	25,0	ξ	27,6	22,1
Superior	§ 31,2	ξ	§ 27,8	26,3	26,0

**Fonte:** Eurostat, Módulo *ad hoc* do *Labour Force Survey* 2014 "Situação dos migrantes e seus descendentes diretos no mercado de trabalho".

**Nota:**

(a) A soma dos níveis de escolaridade corresponde ao total devido à existência de não respostas.

Os dados referentes à Europa respeitam aos países participantes no módulo *ad hoc* do *Labour Force Survey*: todos os países da UE-28, com exceção da Alemanha, Irlanda, Dinamarca e Países Baixos. Para além de países da UE, participaram também a Noruega e a Suíça.

§ Valor com erro de amostragem associado elevado, pelo que a sua interpretação deve ser feita com cuidado.

ξ Valor não fiável, pelo que não pode ser divulgado.